

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC
PÓS-GRADUAÇÃO ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO ESTÉTICA: ARTE E AS
PERSPECTIVAS CONTEMPORÂNEAS**

GIULIA CECHINEL DE OLIVEIRA

**PATRIMÔNIOS CULTURAIS DE URUSSANGA – SC: DIÁLOGO COM
ESTUDANTES**

**CRICIÚMA
2022**

GIULIA CECHINEL DE OLIVEIRA

**PATRIMÔNIOS CULTURAIS DE URUSSANGA – SC: DIÁLOGO COM
ESTUDANTES**

Monografia apresentada ao Setor de Pós-graduação da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC, para obtenção do título de Especialista em Educação Estética: Arte e as Perspectivas Contemporâneas.

Orientadora: Prof.^a Ma. Amalhene Baesso Reddig.

**CRICIÚMA
2022**

Aos educandos que passaram pelas minhas aulas até hoje, me fazendo perceber que ainda tenho muito a aprender, todos os dias.

AGRADECIMENTOS

Agradecer é reconhecer que alguém precisou fazer algum bem para que alguma coisa desse certo, e cabe aqui agradecer a algumas pessoas que contribuíram para a realização desta escrita.

Sendo assim, inicio agradecendo aos educandos, que por minhas aulas passaram, durante esses anos em sala de aula na Educação Pública. Sem vocês, talvez eu não soubesse o quão rica são as trocas de conhecimento em conversas “bobas”.

À minha amiga – comadre, parceira, fotógrafa, conselheira, entre outros adjetivos que lhe cabem – Deise Pessi, por ter sido meu braço direito e grande incentivadora na finalização e entrega desta escrita – além de tantas outras coisas!

À minha orientadora, Amalhene Baesso Reddig (Lenita), que topou abraçar esta orientanda meio “sem norte”, acolhendo a ideia de pesquisa, orientando, se fazendo bússola, contribuindo para que eu encontrasse o caminho certo.

À minha colega de profissão, Ma. Daniela Accordi, “bonita”, que é um exemplo de garra, força e coragem, pois foi assistindo à sua defesa de mestrado que decidi retornar à UNESC e retomar o projeto de pesquisa do Curso de Especialização, com novo tema de pesquisa, concentrar e concluir o texto que aqui apresento.

Ao Henry Goulart – colega desde o Ensino Médio, responsável pela Central de Informações Turísticas de Urussanga – por me presentear e me ajudar com muito material de pesquisa.

Por fim, a todos que contribuíram na realização desta escrita, meu muito obrigada!

“A memória diz respeito, antes, ao presente, que ao passado. Exilá-la no passado é deixar de entendê-la como força viva do presente. Sem memória, não há presente humano, nem tampouco futuro. A memória gira, portanto, em torno de um dado básico do fenômeno humano, a mudança”.

Ulpiano Bezerra de Menezes

RESUMO

Pesquisa realizada no curso de Especialização em Educação Estética: Arte e as Perspectivas Contemporâneas, na linha Arte e Educação. Este trabalho tem como objetivo compreender qual o papel das aulas da Educação Básica na formação cultural dos jovens da cidade de Urussanga, dialogando com os patrimônios históricos da cidade e a herança cultural neles presentes. Como problematização, indago: “As aulas da Educação Básica do município de Urussanga valorizam os patrimônios históricos, contribuindo na formação cultural dos jovens urussanguenses?” É uma pesquisa de natureza básica e exploratória, com levantamento bibliográfico e pesquisa de campo realizada com estudantes do município de Urussanga, Santa Catarina. Para elucidar o problema, discorro no referencial teórico sobre como a cidade tem pautado em sua legislação as políticas de ações culturais, a partir dos estudos de Cabral (2004), Ataídes, Machado e Souza (1997) e Vianna (2008), bem como sobre as definições de patrimônio e suas tipologias, por meio das escritas de Horta (2000), Prefeitura Municipal de Urussanga (2008) e Pistorello (2015). Dialogo, também, sobre identidade e pertencimento cultural, com olhar especial para o jovem, à luz de Hall (2006) e Cabral (2004). De acordo com a definição do problema, classifico minha pesquisa de natureza básica e de cunho qualitativo, uma vez que dialoga de forma a contribuir para as diferentes reflexões no contexto investigado. Foram envolvidos na pesquisa 34 estudantes da Escola de Educação Básica Caetano Bez Batti de Urussanga/SC, o que permite traçar um panorama da relevância do patrimônio histórico da cidade na formação cultural dos jovens. A pesquisa revela que, de maneira geral, os jovens conhecem o patrimônio histórico urussanguense, ainda que por vezes não deem a devida valorização enquanto parte integrante da sua cultura. Percebe-se, ainda, que o contato dos jovens entrevistados com o patrimônio material da cidade se dá quase que exclusivamente por meio de ações escolares.

PALAVRAS-CHAVE: Patrimônio. Urussanga. Educação. Cultura. Memória.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|-------|--|
| IPHAN | Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional |
| PMU | Prefeitura Municipal de Urussanga |
| SC | Santa Catarina |
| SPHAM | Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico e Natural do Município |

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| 1 INTRODUÇÃO | 8 |
| 2 A CIDADE DE URUSSANGA E SUA POLÍTICA DE EDUCAÇÃO CULTURAL .. | 10 |
| 2.1 CULTURA E PATRIMÔNIO CULTURAL..... | 12 |
| 2.2 POLÍTICAS E AÇÕES DE VALORIZAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO NO MUNICÍPIO DE URUSSANGA..... | 14 |
| 3 NOSSOS PATRIMÔNIOS, NOSSA CULTURA | 17 |
| 3.1 TIPOLOGIAS DE PATRIMÔNIO | 18 |
| 3.1.1 Patrimônio Material | 18 |
| 3.1.2 Patrimônio Imaterial..... | 18 |
| 3.1.3 Patrimônio Natural..... | 19 |
| 3.1.4 Bens Tombados de Urussanga | 20 |
| 4 CONCEITOS DE IDENTIDADE E PERTENCIMENTO CULTURAL | 22 |
| 5 METODOLOGIA | 25 |
| 6 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS: O QUE DIZ O JOVEM URUSSANGUENSE SOBRE PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL? | 27 |
| 7 CONCLUSÃO | 32 |
| REFERÊNCIAS | 35 |
| APÊNDICES | 38 |
| Apêndice A – Questionário aplicado com os jovens estudantes do Ensino Médio da Escola de Educação Básica Caetano Bez Batti, de Urussanga – SC..... | 39 |
| ANEXOS | 40 |
| Anexo A – Guia do Patrimônio Cultural do Sul de Santa Catarina | 41 |
| Anexo B – Vales da Uva Goethe..... | 42 |
| Anexo C – Cartilha Goethinho..... | 43 |
| Anexo D – Casarão do centro da cidade – Patrimônio tombado de Urussanga | 44 |
| Anexo E – Casas no centro da cidade – Patrimônio tombado de Urussanga | 45 |
| Anexo F – Parque Municipal Ado Cassetari Vieira..... | 46 |

1 INTRODUÇÃO

Sempre gostei de desafios. Enquanto professora de Artes da Rede Estadual na cidade de Urussanga – SC, percebo que a palavra “desafio” caminha lado a lado com o nosso fazer em sala de aula, desafiando-nos a desenvolver o olhar dos educandos, ampliando os conceitos a respeito da Arte – destaco aqui, em especial, da cultura.

Ao refletir sobre alguns desses desafios que a educação nos aponta, tenho percebido, no decorrer dos anos, cada vez com mais frequência, que os educandos distanciam-se dos conhecimentos a respeito do patrimônio histórico da nossa cidade e geralmente não percebem o quão relevante é o seu papel na formação cultural desse sujeito que aqui reside.

Contudo, enquanto professora, e parte integrante no processo de formação desses educandos, fico com alguns questionamentos: Por que esses jovens que aqui moram não valorizam suas raízes culturais? Como abordar a cultura patrimonial em sala de aula? De que maneira sensibilizar os jovens para as questões artísticas e culturais do seu lugar? Os jovens reconhecem o patrimônio histórico e o valorizam? O que dizem os documentos norteadores da educação a respeito deste assunto?

Para responder a essas e outras questões acerca do tema, procurei dialogar com Cabral (2004) e Ataídes, Machado e Souza (1997) sobre políticas de ações culturais, Vianna (2008), Horta (2000) e Prefeitura Municipal de Urussanga (2008), que abordam questões acerca de patrimônio e cultura. À luz de Pistorello (2015), Hall (2006) e Cabral (2004), discorro sobre identidade e pertencimento cultural.

Neste sentido, no decorrer da pesquisa busquei compreender como os patrimônios culturais vêm sendo trabalhados nas aulas da Educação Básica do município de Urussanga; entender, também, como o jovem urussanguense se percebe enquanto parte integrante da cultura do município e, não menos importante, promover a valorização da herança cultural patrimonial deixada pelos nossos antepassados, dialogando com a contemporaneidade.

No capítulo que segue, nomeado como “*A cidade de Urussanga e sua política de Educação Cultural*”, trago questões acerca de como a cidade tem pautado, em sua legislação, o tema abordado. Já no capítulo três, intitulado “*Nossos*

Patrimônios, Nossa Cultura”, trago definições de patrimônios e esclareço suas tipologias. Para conhecer melhor o público-alvo da pesquisa, apresento o capítulo quatro: “*Conceitos de identidade e pertencimento cultural*”, no qual discorro a fim de melhor entender sobre a identidade dos jovens e como se percebem enquanto produtores culturais.

Como caminho metodológico da pesquisa, percorro a sua caracterização, os instrumentos utilizados para a coleta de dados, os participantes e sua fundamentação teórica. Para melhor analisar o tema da pesquisa, escrevo o capítulo seis: “*Apresentação e análise de dados: O que diz o jovem urussanguense sobre patrimônio histórico e cultural?*”, que contém a pesquisa de campo e a análise dos dados.

Para contemplar os resultados obtidos com a pesquisa, trago no capítulo “*Conclusão*” a importância de serem colocadas em prática ações de educação patrimonial que valorizem o reconhecimento e a ampliação cultural dos jovens.

Com o desenvolvimento do município, muitas mudanças foram ocorrendo, entretanto, como em muitas cidades no entorno de Urussanga, o discurso étnico permanece nas memórias e é constantemente ressignificado por meio das festas, monumentos e acontecimentos culturais, de maneira a permear as lembranças dos habitantes, geralmente na perspectiva dos que colonizaram o local. Hoje, após 143 anos de colonização, Urussanga conta com pouco mais de 20 mil habitantes, em sua maioria morando na área urbana e cerca de 7 mil nos bairros e localidades do interior. (BRASIL, 2021).

A importância de se conhecer a história do início da colonização do município se faz constante para a construção da memória cultural dos que aqui vivem, pois “o processo de identificação dos sujeitos com o espaço que se inserem e as consequentes relações que se venham a estabelecer a partir dessa identificação” (CABRAL, 2004, p. 36) se tornam mais significativas, fazendo com que a cultura italiana apareça de maneira dominante. Essa identidade vem sendo reafirmada ao longo dos anos, ao ponto de Urussanga ser elevada a Capital Estadual do Bom Vinho¹, título outorgado pela Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina. Outro importante reconhecimento que o município alcançou é o Selo de Indicação Geográfica, reconhecendo os Vales da Uva Goethe como os únicos do mundo a produzir a espécie em escala comercial.

Para fomentar e potencializar a cultura local, Urussanga promove festividades como a Festa *Ritorno Alle Origine*², Festa do Vinho³ e o Tombo da Polenta⁴, eventos que contam também com a presença de outros grupos étnicos, entretanto, o que se sobressai é a presença forte de elementos culturais italianos.

Vale ressaltar, também, que acordos políticos estabelecidos entre cidades de um mesmo Estado ou de nações diferentes, por vezes, distantes uns dos outros,

¹ A cidade recebeu esse título da Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina no ano de 2004, por ter a capacidade de produzir dois milhões de litros de vinho por ano e também por ter recebido o Registro de Indicação Geográfica, uma certificação que reconhece os vinhos produzidos na cidade como únicos no mundo.

² O primeiro evento ocorreu em 1991 e a cada dois anos é realizado. É organizado pela Prefeitura Municipal, juntamente com a Central Organizadora e em parceria com entidades e associações culturais. A festa conta com apresentações musicais gratuitas e gastronomia típica.

³ O primeiro evento ocorreu em 1984 e a cada dois anos é realizado. Organizado pela Prefeitura Municipal, juntamente com a Central Organizadora e em parceria com entidades e associações culturais. A culinária e os vinhos são as grandes atrações da festa. Nos cardápios, é possível encontrar tradicionais pratos da região. A programação também traz feiras, exposições, parques de diversão e shows locais e nacionais.

⁴ O evento já conta com mais de dez edições, é organizado pelo Grupo Cultural Amici della polenta de Urussanga. Unir tradição, gastronomia e partilhar uma polenta gigante são os objetivos desse evento.

mas que possuem, em suas histórias ou origens, pontos comuns que se identificam, como o *Gemellaggio*⁵, estão diretamente ligados ao processo de colonização durante a década de 1870, que fizeram com que se sobressaísse, no município citado, a cultura italiana dos imigrantes. Entretanto, não se pode deixar de citar a diversidade cultural entre os munícipes, mesmo que muitas vezes não esteja presente nos discursos relatados pelos descendentes. Esse fato contribui para uma seleção de memórias, fomentando cada vez mais o discurso de cultura local puramente italiana.

2.1 CULTURA E PATRIMÔNIO CULTURAL

A herança cultural não pode ser esquecida, sendo assim, se faz necessário cada vez mais pesquisar, reconhecer e valorizar o patrimônio histórico e cultural. Para Ataídes, Machado e Souza (1997, p. 8), “o patrimônio é constituído então de bens materiais e não materiais, enfim, de tudo o que se refere à identidade, à ação, à memória de uma sociedade”, convergindo com Ribeiro (2005, p. 62), em sua escrita que diz: “patrimônio cultural constitui a designação tanto de objetos, edifícios, obras de arte, monumentos, quanto de documentos e práticas sociais, como rituais, festas populares e artesanato”. Nota-se, desta maneira, a relevância de se conhecer e de se identificar culturalmente com os patrimônios históricos, pois vivenciamos as mais variadas culturas na atualidade, já que cada ser humano está inserido em uma determinada cultura desde o seu nascimento.

Quando se fala em cultura – do latim *colere* e que possui relação com as palavras agricultura, cultivar, ou seja, tudo aquilo que requer esforço humano para transformar em oposição ao encontrado na natureza – e se pesquisa sobre os seus conceitos, pode-se encontrar muitas definições desde a origem da palavra, como o termo *kultur*, utilizado no século XVIII e XIX por filósofos alemães para designar os cultos, civilizados, como se a filosofia fosse a cultura da mente, vendo a cultura como algo erudito. Já um pouco mais adiante, com a popularização do termo, surgiram outros significados, como a utilização para a definição de um grupo social ou designar as ações de determinado povo.

⁵ Pacto de amizade entre as cidades de Urussanga (Brasil) e Longarone (Itália). O *Gemellaggio*, que em italiano significa Cidades-Irmãs, foi firmado em 1991 e visa a aproximação cultural das cidades, visto que grande parte dos italianos colonizadores e fundadores de Urussanga partiram da cidade de Longarone.

Como salienta Vianna (2008, p. 119), “[...] os sistemas de significados, os valores, crenças, práticas e costumes; ética, estética, conhecimentos e técnicas, modos de viver e visões de mundo que orientam e dão sentido às existências individuais em coletividades humanas”, dessa maneira, dar sentido à existência dos jovens e sua pertença cultural da sua cidade se torna indispensável, a fim de conhecer, entender e transformar a realidade que os cerca.

Neste sentido, faz-se necessário pensar a importância de um trabalho interdisciplinar e direcionado para transformar a realidade da valorização patrimonial e cultural do município, com ações educativas na perspectiva da educação patrimonial. Com questões voltadas diretamente para o patrimônio cultural, que compreende desde a inclusão, nos currículos escolares, de todos os níveis de ensino, de conteúdos programáticos que abordem o conhecimento e a conservação do patrimônio histórico, até a realização de cursos de aperfeiçoamento para educadores e comunidade em geral. Deste modo, talvez seja possível despertar nos jovens, e também na comunidade, o interesse pelo tema e, conseqüentemente, maior conscientização nos processos de preservação da memória histórica de uma determinada localidade.

Quanto aos objetivos deste processo, Zanatta (2011, p. 60) afirma:

O processo educativo, em qualquer área de ensino/aprendizagem, tem como objetivo levar os alunos a utilizarem suas capacidades intelectuais para aquisição e o uso de conceitos e habilidades na prática, em sua vida diária, e no próprio processo educacional.

Ainda sobre a questão, Horta (2000 apud MENECH, 2012 p. 16) cita:

A educação patrimonial possibilita o reforço da autoestima dos indivíduos e das comunidades e a valorização da cultura brasileira em sua rica diversidade. A partir da experiência e do contato direto com manifestações da cultura, em todos os seus múltiplos aspectos, sentidos e significados, o trabalho da educação patrimonial busca levar à sociedade um conhecimento ativo, capacitando-os para um melhor usufruto destes bens, e propiciando as gerações futuras a produção de novos conhecimentos.

Conhecendo seu patrimônio cultural, os jovens podem contribuir na história, na construção de memórias e formação de identidade dos grupos aos quais pertencem de maneira mais significativa, não deixando de preservar a memória individual e coletiva e nem deixando de valorizar a possibilidade de hibridismo cultural, atualmente tão presente.

Ressalta-se, aqui, a questão do hibridismo cultural como a mistura de uma ou mais culturas, gerando uma nova cultura, com elementos da antiga (BURKE, 2006). Esse hibridismo é uma constante em países como o nosso, formados a partir do choque de culturas, e vem ganhando um foco maior em tempos ditos globalizados, quando a circulação de ideias e de produtos culturais atinge muitas pessoas em um curto espaço de tempo.

Neste sentido, entende-se como muito relevante que os jovens reconheçam e entendam como parte do seu patrimônio cultural as manifestações culturais, monumentos, centros históricos, manifestações folclóricas, rituais, artesanatos, saberes populares e outras tantas circunstâncias culturais em que está inserido. No “Guia Básico de Educação Patrimonial” de Horta, Grunberg e Monteiro (1999; p. 6) encontramos:

A partir da experiência e do contato direto com as evidências e manifestações da cultura, em todos os seus múltiplos aspectos, sentidos e significados, o trabalho de Educação Patrimonial busca levar as crianças e adultos a um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural.

Sendo esse processo permanente, pautando a educação patrimonial como fonte de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo.

2.2 POLÍTICAS E AÇÕES DE VALORIZAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO NO MUNICÍPIO DE URUSSANGA

A preservação do patrimônio histórico é considerada uma parte fundamental para aproximar as pessoas das suas histórias e memórias. Sendo assim, políticas e ações que levem ao reconhecimento do patrimônio histórico e o transformam em objeto educativo, fazem com que esses bens culturais venham a ser conhecidos e, quem sabe, reconhecidos, valorizados e entendidos como parte integrante da cultura local.

O valor que é dado a determinado objeto arquitetônico, por exemplo, não se encontra apenas nas suas características físicas e morfológicas, mas em tudo o que ele passará a representar, como identidade de determinado grupo, cidade ou nação ou o período histórico ao qual pertenceu, entre inúmeros outros. (POSSAMAI, 2000, p. 17).

Ações de valorização do patrimônio histórico e educação patrimonial surgiram, inicialmente, para que fossem desenvolvidas em museus e em seguida nas escolas. Hoje, entretanto, percebe-se que essa metodologia é insuficiente, podendo partir, também, de outros órgãos – públicos ou privados – iniciativas que desenvolvam ações culturais de educação patrimonial com toda população das cidades.

Exemplos de ações que valorizam a cultura e o patrimônio local, que se tem registro atualmente, no município de Urussanga, são impressos, que podem ser retirados na Central de Informações Turísticas, localizada no Bairro da Estação, por toda pessoa que tenha interesse.

Nomeado “Guia do Patrimônio Cultural do Sul de Santa Catarina” (Anexo A), foi produzido em 2010 pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), com o objetivo de aguçar a percepção das pessoas sobre uma parte do patrimônio edificado dos municípios de Cocal do Sul, Forquilha, Nova Veneza, Orleans, Pedras Grandes, Treviso, Treze de Maio e Urussanga. Nele, há registros de casas, ranchos, engenhos e paisagens, juntamente com costumes, técnicas construtivas, celebrações, festas, culinária e outras produções culturais dos imigrantes italianos que fazem parte da construção da identidade cultural de Santa Catarina.

A obra “Vales da Uva Goethe” (Anexo B), é um livro desenvolvido pela ProGoethe⁶ em 2007, e conta a história do vinho urussanguense, bem como sua trajetória e os esforços incansáveis de muitas pessoas para que Urussanga recebesse o reconhecimento que hoje possui nesse ramo. Dessa maneira, nas entrelinhas da escrita desse livro, aparece, com frequência, parte do patrimônio histórico material e imaterial da cidade.

Já o livreto “Goethinho” (Anexo C), que também teve sua realização pela ProGoethe em 2013, é um informativo em formato de história em quadrinhos de caráter infantil, que aborda de maneira lúdica a história dos vales da uva goethe e sua chegada/desenvolvimento em Urussanga.

Levando em consideração que os exemplos citados acima são de riquíssimo conhecimento cultural e histórico para as pessoas que possuem acesso a eles, percebe-se uma precariedade em relação ao envolvimento dos órgãos públicos

⁶ Associação dos Produtores da Uva e do Vinho Goethe.

em ações educativas que valorizem o patrimônio histórico, bem como os bens tombados, de maneira mais incisiva e atuante, pois não foram encontrados registros de ações neste sentido ocorridas nos últimos anos.

3 NOSSOS PATRIMÔNIOS, NOSSA CULTURA

“Todas as ações através das quais os povos expressam suas formas específicas de ser são cultura. Assim, seus membros identificam-se como integrantes de um grupo dentro do contexto social que partilham, possuindo uma história em comum”.

Cynthia Gindri Haigert

Patrimônio é uma palavra que utilizamos com frequência no cotidiano, pois falamos de patrimônios econômicos, imobiliários, financeiros, entre outros. Quando se fala em patrimônio, logo se associa ao que se recebe ou herda-se do pai ou da família, principalmente quando se observa a origem da palavra: *pater* = pai (em latim) e *nomos* = legado, herança (em grego).

A utilização do termo com o significado de herança social aparece somente na França pós-Revolucionária, momento em que o Estado decide cuidar e proteger as antiguidades nacionais às quais era atribuído significado para a história da nação. Sendo assim, o conjunto de bens entendidos como herança do povo de uma nação foram então designados como Patrimônio Histórico.

No mesmo sentido, Horta (2000, p. 29) refere-se a patrimônio como:

[...] um conjunto de bens e valores, tangíveis e intangíveis, expressos em palavras, imagens, objetos, monumentos e sítios, ritos e celebrações, hábitos e atitudes, cuja manifestação é percebida por uma coletividade como “marca” que a identifica, que adquire sentido “comum” e compartilhado por toda uma “comunidade”: um grupo de pessoas que têm em comum o sentido de identidade, de identificação uns com outros, o que gera o sentimento de solidariedade, de agregação, de pertencimento a um grupo de pessoas; do mesmo, este sentimento explica a reação a qualquer coisa que venha a ameaçar a integridade desta “comunidade” a começar pelo plano físico, do território e dos espaços comuns de vivenciamento, até o plano social, do conjunto de indivíduos que constituem grupo e que assim se auto-identificam no plano moral e espiritual de valores consagrados e reconhecidos pelo grupo, cuja perda abalará as estruturas do sentimento de autoestima e da própria identidade dessa “comunidade”.

Assim como a definição citada, os significados que caminham no sentido de Patrimônio Cultural de maneira mais abrangente são datadas dos anos 1980, quando Aloísio Magalhães assume o IPHAN, consolidando um novo olhar em relação às políticas culturais de preservação. É com base nesse olhar que esta pesquisa pretende se pautar, valorizando a cultura regional do município em questão: Urussanga.

3.1 TIPOLOGIAS DE PATRIMÔNIO

No Brasil, diferenciam-se os tipos de patrimônio desde a Constituição de 1937 (BRASIL, 1937), a qual organiza em alguns grupos, de acordo com a sua natureza: Patrimônio Material, Imaterial, Natural e Artístico.

Como o enfoque desta pesquisa está mais ligado aos patrimônios que estão mais em evidência em Urussanga – SC, trataremos mais enfaticamente dos patrimônios abaixo indicados.

3.1.1 Patrimônio Material

O patrimônio material protegido pelo IPHAN, com base em legislações específicas, é composto por um conjunto de bens culturais classificados segundo sua natureza, em quatro Livros do Tombo: arqueológico, paisagístico e etnográfico; histórico; belas artes; e das artes aplicadas. Eles estão divididos em bens imóveis, como os núcleos urbanos, sítios arqueológicos e paisagísticos, e bens individuais; e móveis, como coleções arqueológicas, acervos museológicos, documentais, bibliográficos, arquivísticos, videográficos, fotográficos e cinematográficos.

O patrimônio ganha uma consolidação cultural ainda maior com a implementação da Política de Patrimônio Cultural Material (PPCM) e a nova normativa, de 2018.

Portaria Nº 375, de 19 de setembro de 2018: [...] esta normativa servirá de guia para ações e processos de identificação, reconhecimento, proteção, normatização, autorização, licenciamento, fiscalização, monitoramento, conservação, interpretação, promoção, difusão e educação patrimonial relacionados à dimensão material do Patrimônio Cultural Brasileiro. (BRASIL, 2018).

3.1.2 Patrimônio Imaterial

Os bens culturais transmitidos de geração em geração, e constantemente recriados pelas comunidades e grupos, em função do ambiente, são o que chamamos de Patrimônio Imaterial (ou intangível). Formam-se por meio da interação social, da natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e

continuidade, contribuindo, assim, para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana.

Segundo a UNESCO (apud BRASIL, 2018):

As práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados – que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural.

3.1.3 Patrimônio Natural

Esta tipologia de patrimônio tem a importância discutida com frequência, pois é um tema que abrange muitas esferas sociais. E é com essa nova visão preservacionista que a área é tombada com mais frequência.

De acordo com Menech (2012, p. 15):

O patrimônio natural compreende áreas de importância preservacionista e histórica, beleza cênica, enfim, áreas que transmitem à população a importância do ambiente natural para que nos lembremos quem somos, o que fazemos, de onde viemos e, por consequência, como seremos.

Todas as pessoas possuem lembranças de histórias já vivenciadas que envolvam alguma paisagem. Se tais paisagens, agora reconhecidas como patrimônios naturais se perderem, acabam por acontecer, além de danos ambientais irreversíveis, o afastamento e até esquecimento das memórias ali criadas.

Segundo Ataídes, Machado e Souza (1997, p. 11), “o Patrimônio Cultural é constituído de bens culturais, que são a produção dos homens nos seus aspectos emocional, intelectual e material e todas as coisas que existem na natureza”.

Os autores também definem:

Há os bens naturais, que são os elementos pertencentes à natureza [...]. São bens materiais as coisas, objetos, as construções etc., realizadas pelo homem. Os bens de ordem intelectual são os saberes do homem. O conhecimento ou o saber que o homem utiliza na construção de um objeto é um exemplo de bem de ordem intelectual. Os bens de ordem emocional representam o sentimento individual ou coletivo – são manifestações folclóricas, cívicas, religiosas e artísticas, eruditas e populares [...]. (ATAÍDES; MACHADO; SOUZA, 1997, p. 11).

3.1.4 Bens Tombados de Urussanga

Não se pode falar em patrimônio histórico sem citar os bens tombados, pois o tombamento é o instrumento de reconhecimento e proteção do patrimônio cultural mais conhecido e pode ser feito pela administração federal, estadual ou municipal.

Segundo o IPHAN:

A palavra tombo, significando registro, começou a ser empregada pelo Arquivo Nacional Português, fundado por D. Fernando, em 1375, e originalmente instalado em uma das torres da muralha que protegia a cidade de Lisboa. Com o passar do tempo, o local passou a ser chamado de Torre do Tombo. Ali eram guardados os livros de registros especiais ou livros do tombo. No Brasil, como uma deferência, o Decreto-Lei adotou tais expressões para que todo o bem material passível de acautelamento, por meio do ato administrativo do tombamento, seja inscrito no Livro do Tombo correspondente. (BRASIL, 2018).

O município de Urussanga, desde os anos 1980, vem demonstrando preocupação com o seu patrimônio histórico e cultural e, sendo assim, aprovou a Lei nº 798, de 15 de maio de 1981 (URUSSANGA, 1981), que “dispõe sobre a proteção do patrimônio histórico, artístico e natural do município e cria órgão competente”, o SPHAM: Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico e Natural do Município. Atualmente, as ações de preservação e recuperação do patrimônio foram registradas na Lei Complementar nº 08, de 1º de julho de 2008 (URUSSANGA, 2008), que dispõe sobre o Plano Diretor Participativo. O Plano, em suas diretrizes gerais, presentes em seu Capítulo II, Seção II, Art. 4º, inclui a “[...] proteção, preservação e recuperação do meio ambiente natural e construído, do patrimônio cultural, histórico, artístico, paisagístico e arqueológico”. Ficaram também definidos, enquanto objetivos específicos deste Plano:

I - preservar e revitalizar o Patrimônio Histórico Arquitetônico, visando explorá-lo como atrativo turístico, bem como qualificar o espaço central da cidade e consolidar os referenciais urbanos; II - monitorar e fiscalizar as edificações históricas tombadas quanto ao seu uso e estado de conservação. (URUSSANGA, 2008).

Urussanga possui, atualmente, um conjunto de 25 edificações tombadas, a mais antiga datada de 1896, além de outras no entorno de sua praça central e em localidades ao redor do município. Vale ressaltar que muitos desses tombamentos

aconteceram na década de 1980, durante o processo de redemocratização do país, momento em que “os tombamentos representaram uma espécie de reconciliação entre o imigrante e o país que o acolheu, numa perspectiva que cabe muito bem ao estado democrático”. (PISTORELLO, 2015, p. 42). Desta forma, o imigrante passou a ser visto como elemento central para a construção identitária de Santa Catarina. Seu trabalho e sua cultura foram fatores determinantes para construir uma representação, principalmente de alemães e de italianos, nos processos de tombamento.

4 CONCEITOS DE IDENTIDADE E PERTENCIMENTO CULTURAL

Para procurar entender com mais clareza o pensamento dos estudantes – centro desta pesquisa – têm-se que elucidar o conceito de identidade, o que se acredita fazer parte da formação dessa identidade e também a sua relação com o pertencimento cultural na cidade em que reside, visando abordar a forma com que essa identidade é construída culturalmente.

Remetendo a algumas concepções produzidas sobre essa temática, Hall (2006) distingue três concepções de identidade do ser humano: a do sujeito iluminista; a do sujeito sociológico e a do sujeito pós-moderno.

A concepção de identidade do sujeito iluminista estava baseada em um indivíduo totalmente centrado e unificado, onde o centro remetia a um núcleo interior, que surgia inicialmente quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia ao longo de sua existência, muitas vezes sem mudança e com a mesma perspectiva individualista, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação individuais. (HALL, 2006).

A segunda concepção é a do sujeito sociológico, na qual o indivíduo entendia que o núcleo interior do sujeito moderno não era autônomo e autossuficiente, mas formado a partir da relação entre pessoas na sociedade. Assim, mediante a relação desse sujeito com a sociedade, sua identidade interage com símbolos, valores e práticas que formam a cultura. Deste modo, o sujeito ainda tem o seu “eu real” dentro de si, contudo, este “eu” acaba sendo formado e modificado com o diálogo contínuo com os “mundos culturais exteriores” e as outras identidades que esses mundos oferecem. (HALL, 2006).

Por fim, a concepção do sujeito pós-moderno apresenta um indivíduo sem identidade fixa ou permanente, muito menos uma identidade que parte de uma essência. Nesse caso, a identidade é formada e transformada continuamente em relação aos diálogos de diversidade cultural que nos rodeiam. Essa identidade é definida historicamente e não biologicamente. Como explica Hall (2006):

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas [...]. A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e

representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. (HALL, 2006, p. 13).

Sendo assim, percebe-se que a concepção do sujeito pós-moderno está totalmente ligada à realidade dos jovens, já que vivemos em uma sociedade em constante mudança e transformação, com troca de informações a todo o momento, com diversas culturas, em vários lugares diferentes, podendo atuar diretamente na identidade de todas as pessoas.

Entende-se, também, que a formação da identidade do jovem se dá em todos os campos: político, social e cultural, e é construída, ainda, pela memória cultural dos espaços frequentados, onde “o processo de identificação dos sujeitos com o espaço que se inserem e as consequentes relações que se venham a estabelecer a partir dessa identificação”. (CABRAL, 2004, p. 36).

Deste modo, compreende-se o porquê de Urussanga e, conseqüentemente, as pessoas que residem na cidade, ao longo de sua história, venham reafirmando sua identidade ítalo-brasileira por meio de festas, costumes e tradições, lembrando sempre de determinadas memórias, o que contribuiu para que recebesse o título de “Capital Italiana de Santa Catarina”.

Entretanto, as identidades são constantemente remodeladas e, por vezes, acabam por modificarem-se ao ponto de transformar o sentido de pertencimento dos sujeitos à determinada cultura ou grupo étnico em que está inserido, ainda mais se levarmos em consideração todo o hibridismo cultural dos dias atuais.

Entende-se por pertencimento, nesta pesquisa, a ação de pertencer a um determinado grupo de uma origem comum, unindo indivíduos distintos, como membros de uma coletividade com determinadas características iguais. Cavalheiro (2009, p. 5) afirma:

Somos seres da história, que em primeiro plano nos visita biologicamente, presenteando-nos com nosso DNA, ainda no útero de nossas mães. Mais tarde um pouco, recebemos características físicas inegáveis, sejam elas cabelos loiros ou pretos, lisos ou crespos. Tudo quanto recebermos será nossa herança, sendo assim, será nosso patrimônio, por vezes alterados, mas único. As características hereditárias se tornarão mais evidentes na medida em que formos amadurecendo como seres humanos, a ponto de apropriar-se das mesmas e assumirmos nossa identidade cultural.

Desta maneira, entende-se como necessário ampliar os trabalhos de

educação patrimonial para que a comunidade possa conhecer e reconhecer o patrimônio cultural da cidade, de maneira a entender melhor a construção de suas identidades e o seu pertencimento cultural no local em que reside.

5 METODOLOGIA

A presente pesquisa *“Patrimônios culturais de Urussanga – SC: Diálogo com estudantes”* se insere na linha de pesquisa Educação e Arte, a qual aponta princípios teóricos e metodológicos sobre educação e arte, linguagens artísticas e suas relações com a prática pedagógica, estudos sobre estética, semiótica, identidade, cultura e suas implicações com a arte e a educação. É uma pesquisa de natureza básica, pois, segundo Severino (2002, p. 272), esse modelo de pesquisa “objetiva gerar conhecimentos novos úteis para o avanço da ciência, sem aplicação prática prevista, envolvendo verdades e interesses universais”.

Como questões norteadoras desta pesquisa, aponto: Como o jovem urussanguense entende e define sua identidade cultural? Qual a relação desse jovem com os patrimônios culturais da cidade em que mora? De que maneira os patrimônios culturais são trabalhados nas aulas da Educação Básica do município em questão? Como manter o diálogo constante entre a herança cultural dos nossos antepassados e o patrimônio por eles construído, visando a sua valorização e preservação?

Para definir a pesquisa, dialogo com Minayo (2004, p. 17), que juntamente com outros estudiosos, entende por pesquisa “a atividade básica da Ciência na sua indagação e construção da realidade [que] veicula pensamento e ação”, em que toda pesquisa pressupõe um método e etapas a serem concluídas.

Ao investigar, procurei responder ao seguinte problema de pesquisa: “As aulas da Educação Básica do município de Urussanga valorizam os patrimônios históricos, contribuindo na formação cultural dos jovens urussanguenses?”

O objetivo geral visa compreender qual o papel das aulas da Educação Básica na formação cultural dos jovens da cidade de Urussanga, dialogando com os patrimônios históricos da cidade e a herança cultural neles presentes e comunicados em livros e festas populares.

Neste sentido, busquei compreender como os patrimônios culturais vêm sendo trabalhados nas aulas da Educação Básica do município de Urussanga, entender, também, como o jovem urussanguense se percebe enquanto parte integrante da cultura do município e, não menos importante, promover a valorização da herança cultural patrimonial deixada pelos nossos antepassados, dialogando com a contemporaneidade.

Do ponto de vista dos objetivos, classifica-se como pesquisa exploratória, pois tem como objetivo proporcionar uma aproximação com o problema, com vistas a torná-lo mais claro. Envolve, além disso, um levantamento bibliográfico e entrevistas com jovens.

Fundamentada teoricamente com Cabral (2004), Ataídes, Machado e Souza (1997), Vianna (2008), Horta (2000), Urussanga (2008), Pistorello (2015), Hall (2006) e de natureza qualitativa, “[...] se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. [...] Trabalha com o universo de significados, motivos aspirações crenças, valores e atitudes [...]” (MINAYO, 2007, p. 21).

Para coleta de dados, utilizei um questionário (APÊNDICE A) com seis questões, e foi aplicado e analisado no mês de novembro de 2021, com uma turma de cada nível do Ensino Médio, totalizando 34 estudantes regularmente matriculados na Escola de Educação Básica Caetano Bez Batti, de Urussanga – SC.

Segundo Minayo (2004, p. 52), “o trabalho de campo deve estar ligado a uma vontade e a uma identificação com o tema a ser estudado, permitindo uma melhor realização da pesquisa proposta”, confrontando a pesquisa de natureza teórica das leituras “e atores sociais que estão vivenciando uma realidade peculiar dentro de um contexto histórico-social”. (MINAYO 2004, p. 53).

Para analisar os dados coletados com os educandos, dei ênfase à relevância das respostas, categorizadas de acordo com a homogeneidade que estas acrescentaram à pesquisa.

6 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS: O QUE DIZ O JOVEM URUSSANGUENSE SOBRE PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL?

“Mas não se trata de simplesmente voltar à memória, e sim trabalhar com sua potência, para alimentar a própria história”.

Francisco Régis Lopes Ramos

Para responder com veracidade ao problema desta pesquisa, foi feita uma pesquisa de campo por meio de um questionário com trinta e quatro estudantes, frequentadores de três turmas do Ensino Médio da Escola de Educação Básica Caetano Bez Batti, em Urussanga – SC.

Ao realizar uma pesquisa de campo envolvendo sujeitos, necessitamos escolher estratégias para revelar as respostas que coletamos e muitas podem ser as formas de identificar os participantes. No entanto, é necessário manter um olhar justo, no sentido de não comprometer os dados obtidos, mantendo-se a relevância da pesquisa. Sendo assim, mesmo tendo a autorização do uso das respostas dadas pelos depoentes, optei por preservar a identidade dos estudantes, identificando-os, nesta análise, com pseudônimos e os diferenciando por meio de numeração: E1, E2, E3 e assim sucessivamente.

Analisando os dados obtidos através da primeira pergunta: *“Você já realizou alguma visita (guiada ou não) ao patrimônio histórico da cidade de Urussanga?”*, conseguimos perceber que a metade dos estudantes participantes – dezessete – já visitou o patrimônio histórico da cidade, sendo que a Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição e o Parque Municipal Ado Cassetari Vieira foram os locais que mais apareceram nas escritas dos estudantes. O estudante E1 nos surpreende escrevendo: *“Sim, foi muito interessante porque agora eu conheço mais da história e mais da minha história”.*

Vale destacar aqui que somente cinco estudantes citaram em suas respostas a importância cultural desse tipo de visita ao patrimônio. Sobre esse tipo de vivência, Soares e Oosterbeek (2018, p. 45) afirmam:

Uma vez que o patrimônio histórico é um bem cultural, procura-se incentivar o uso dos objetos, dos locais, dos monumentos e dos prédios históricos [...], ao mesmo tempo em que se visa valorizar o patrimônio local para a formação da identidade e para a consolidação da cidadania.

Entende-se nessa escrita que a melhor forma de conservar/valorizar as memórias e o patrimônio histórico se faz por meio da apropriação e reconhecimento do valor cultural desses bens, “propiciando a geração e a produção de novos conhecimentos, tendo assim um contínuo processo de criação cultural” (SOARES, 2003, p. 25)

Na segunda pergunta, que questionava se os educandos faziam alguma relação entre a sua bagagem cultural e a cultura da cidade em que vivem, a maioria dos entrevistados – vinte estudantes – relacionaram em suas respostas a sua bagagem cultural com a cultura italiana – principalmente na questão gastronômica –, crenças, costumes e modo de falar. E2 justifica: “*A minha cultura é semelhante ao resto da cidade, pois por eu conviver com o resto da cidade a minha cultura está relacionada*”. Convergindo com E3: “*Eu levo a mesma cultura de onde eu vivo*”.

Entretanto, vale ressaltar que nessa questão tivemos cinco estudantes que responderam não saber se existe alguma relação e, ainda, dois estudantes que responderam com negação, como justifica E4: “*A cidade desenvolve uma cultura de acordo com os habitantes e história do lugar, e nossa cidade está presa à cultura italiana, como na alimentação, festivais religiosos e gastronômicos*”. Soares (2003, p. 22) justifica que “a memória é geralmente preservada por aqueles que desejam manter a diferenciação quanto à sua origem ou classe social.”

Percebe-se, com essa resposta, que está claro para os jovens que no município há uma cultura dominante, o que nem sempre é positivo para a construção de identidade do jovem, pois o mesmo não se percebe parte dessa cultura, tendo em vista seus gostos e anseios atuais.

Sobre esse aspecto, Soares (2003, p. 23) afirma:

Valorizando-se as obras e as construções das classes dominantes ou ideologias dominantes, obscurecendo-se o valor das obras das classes populares e suas construções materiais, assim, fica prejudicado o conhecimento e as manifestações de inúmeros patrimônios.

Por meio da terceira questão: “*Você já participou de alguma ação educativa do município em que foi abordado o tema cultura/patrimônio cultural?*”, obtivemos dados que mostram que pouco mais de um terço dos jovens – dezesseis – não participa de ações educativas, e que a grande maioria dos jovens que respondeu de maneira afirmativa, citou que essa ação aconteceu ou partiu de ações

escolares, como escreveu E5: “*Sim, durante o primeiro ano do Ensino Médio eu e alguns colegas de turma participamos de um projeto de pesquisa que focava na nossa cidade, principalmente na sua parte histórica e cultural*”. Sobre esse aspecto, Miranda (2005, p. 96) salienta que para interpretar o patrimônio existente “deve relacionar-se com a vida cotidiana do visitante. Deve conectar-se com o “eu” e com os esquemas mentais do visitante, para que esse “personalize” a informação que recebe e entenda como útil e interessante para ele.” Trago essa citação pois acredito que muitas vezes o jovem estudante não reconhece e/ou identifica o que faz parte do seu patrimônio, tão pouco o relaciona com a sua bagagem cultural.

Este fato também fica aparente quando observamos as respostas dadas na quarta questão, na qual os jovens responderam se, enquanto alunos, já haviam estudado sobre o tema patrimônio histórico cultural, especificamente em aula. A grande maioria, vinte e nove estudantes, respondem de maneira afirmativa, entretanto, não conseguem definir com clareza o que é patrimônio histórico cultural: “*Assisti uma palestra, mas não sei explicar*” (E10); “*Sim, sobre água e carvão*” (E11). Horta *et al.* (1999, p.13) deixa claro a importância da Educação Patrimonial para promover um desenvolvimento crítico citando que “a Educação Patrimonial objetiva a capacitação de uma comunidade para a descoberta e identificação de seus valores, de sua identidade cultural, de seus modos de fazer e de viver, de pensar e agir, a partir de suas experiências e do seu cotidiano.”

Podemos, assim, perceber que outras entidades e até mesmo o próprio município de Urussanga pouco proporcionam e/ou atingem os jovens quando o assunto é reconhecer/conhecer/valorizar o patrimônio cultural e histórico da cidade, fato que, como justifica Goodey (2005, p. 93) “Devido à insuficiência de recursos técnicos e financeiros, bem como a outros fatores, a gigantesca tarefa de conservar e interpretar o patrimônio recebe em muitos países menos atenção que a devida”. Entende-se esse fato como um problema para a formação cultural e noção de pertencimento do jovem estudante urussanguense, pois uma proposta de Educação Patrimonial de qualidade:

Procura tomar memória social, recuperando conexões e tramas perdidas, provocando a afetividade bloqueada, promovendo a apropriação pelas comunidades de sua herança cultural, resgatando e/ou reforçando a autoestima e a capacidade de identificação dos valores culturais, ameaçados de extinção, com crianças e adultos, a

Educação Patrimonial pode ser vista como um telescópio, que nos permita vislumbrar um futuro mais promissor (HORTA, 2000, p. 35).

Quando questionados: *“O que você considera patrimônio histórico na cidade de Urussanga? Você acredita que se poderia valorizar mais nosso patrimônio histórico de alguma maneira?”*, trinta e um entrevistados entendem que nosso patrimônio histórico poderia ser mais valorizado, principalmente por meio de visitas e publicidade em redes sociais. Quanto à definição de patrimônio histórico, a grande maioria definiu como as *“casas antigas do centro”* (E3), *“objetos do passado”* (E2) e *“itens que fazem parte da nossa cultura”* (E6). O estudante E6 complementa que *“poderiam acontecer mais visitas nas casas históricas do centro, dar mais publicidade, organizar eventos culinários e exposições artísticas”*. Sobre a importância de se ter contato direto com as evidências e manifestações da cultura, seu patrimônio, múltiplos aspectos, sentido e significados, Horta *et al* (1999, p. 6) cita que esses estudos podem *“levar as crianças e adultos a um processo ativo na construção de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural.”*

Com as respostas encontradas na última pergunta: *“Como você define cultura?”*, notam-se alguns pensamentos semelhantes entre os jovens entrevistados, que definiram cultura como: *“Conjunto de tradições passados de geração em geração”* (E8); *“Algo que todos temos”* (E9); *“um conjunto de costumes, hábitos e histórias em comum de um povo”* (E6); *“Identidade de um povo”* (E1), comungando com o conceito de Grünberg (2000, p. 160) que cita que cultura *“é um processo de comunicação e inter-relação; todos os povos produzem cultura [...] tradições, costumes, lendas, festas e rituais são manifestações de formas específicas de interpretar e resolver as relações com o cotidiano.”*

Desta maneira, consegue-se perceber que, de maneira geral, o jovem sabe sobre o tema abordado e também tem bem claro o seu significado, pois nenhum dos entrevistados deixou de responder a essa pergunta.

Evidenciam-se aqui essas respostas com o intuito de mostrar a preocupação com o tema dessa pesquisa, a valorização e reconhecimento do riquíssimo patrimônio histórico existente na cidade de Urussanga (SC) e a noção de pertencimento cultural dos jovens entrevistados.

Após o trabalho de análise do material coletado, percebo que o problema que me motivou durante a pesquisa: *“As aulas da Educação Básica do município de Urussanga valorizam os patrimônios históricos, contribuindo na formação cultural*

dos jovens urussanguenses?” está evidenciado, tendo em vista que os dados coletados na aplicação do questionário mostram que a maioria dos contatos que os alunos tiveram com a temática abordada aconteceu por meio de ações escolares, entretanto, penso que outros órgãos – públicos e privados – como a Secretaria de Cultura e Turismo e a Prefeitura Municipal da cidade poderiam contribuir ainda mais com a valorização da riqueza patrimonial e cultural, por meio de ações educativas, visitas, esclarecimentos e materiais de apoio oferecidos a todos os urussanguenses.

7 CONCLUSÃO

“[...] possuímos centenas de mitos contando como o sujeito [...] construiu o objeto. Não temos, entretanto, nada para nos contar o outro aspecto da história: como o objeto faz o sujeito”.

Bruno Latour

Ao finalizar esta pesquisa, respondo ao problema do estudo quando percebo que as aulas da Educação Básica do município de Urussanga estão valorizando os patrimônios históricos, contribuindo na formação cultural dos jovens urussanguenses, muito embora acredite que ainda temos um longo caminho a percorrer para que de fato o jovem conheça e passe a valorizar, sentindo-se pertencente à cultura local. Neste sentido, Horta (et al, 1999, p. 30) afirma:

O trabalho da Educação Patrimonial pode assim ser visto, ainda, como fator de desenvolvimento intelectual e psicológico, afetivo e cognitivo, ativando os processos mentais superiores e enriquecendo a memória individual e seus mecanismos de registro e recuperação.

Da mesma forma, para contribuir nesta noção de pertencimento, é necessário que outros órgãos, em parceria com a escola, promovam ações educativas que auxiliarão no processo. Também posso afirmar que os objetivos foram alcançados, pois foi possível perceber que o papel das aulas da Educação Básica na formação cultural dos jovens é muito importante, contudo, a valorização do patrimônio histórico e cultural pelos jovens se mostra em defasagem.

Diante das respostas dadas pelos jovens participantes desta pesquisa, também ficou evidente que todos conhecem e sabem o significado de cultura, sendo que alguns se sentem parte integrante da cultura local dominante, a italiana. Já outros acreditam que também poderia se valorizar mais outras manifestações culturais. Alguns estudantes, por outra ótica, demonstram que gostariam que a cultura italiana fosse mais trabalhada em passeios turísticos, campanhas publicitárias e não somente em eventos, como ocorre atualmente.

Outro dado relevante e interessante diz respeito à grande maioria dos jovens terem tido contato com o patrimônio cultural material somente em ações escolares, mostrando a carência de ações educativas do próprio município em relação à valorização do seu patrimônio histórico. Percebo, ainda, que as ações

educativas encontradas – livretos, livros e panfletos – foram propostas por associações particulares, como a Associação ProGoethe, já citada nos capítulos anteriores. À luz de Horta (2000, p.30) comungo que:

trabalhar educacionalmente com o patrimônio cultural não pode ser apenas uma tarefa de passagem de informações e discursos pré-fabricados [...] mas levar o educando ou aprendiz, no processo de conhecimento, a identificar os signos e os significados atribuídos as coisas por uma determinada cultura; mergulhar no universo de sentidos e correlações que elas oferecem à descoberta, a procurar entender a 'linguagem cultural' específica [...] e envolver-se afetivamente com elas.

Cito com firmeza esse fato como principal aspecto encontrado nessa análise, pois o município de Urussanga/SC caracteriza-se e destaca-se na região Sul do Estado por sua bagagem artesanal e cultural e entendeu-se, lendo as respostas dadas pelos jovens, que pelos munícipes não se percebe o mesmo reconhecimento e valorização.

Entretanto, não é objetivo desta pesquisa apontar culpados para esse fato, pois comungo da ideia de que a valorização deve partir, inicialmente, de quem tem em si essa vontade. Porém, se os jovens não conhecem o patrimônio, como poderão reconhecer a importância do patrimônio histórico da cidade em que vivem – desde que nasceram – em sua grande maioria? De quem podemos esperar esse trabalho para que a memória da cidade permaneça viva? E ainda, há outros questionamentos, como: é possível dissociar a cultura do jovem da cultura da cidade? Como fazer para que esses jovens valorizem e se reconheçam cada vez mais com a sua cultura?

Penso que quanto mais ações formativas/educativas forem pensadas e executadas, mais esse jovem vai entender e reconhecer-se enquanto produtor e parte integrante da cultura, valorizando, conseqüentemente, todo o patrimônio cultural. Por fim, creio que este estudo não se finda aqui, pois durante sua execução surgiram novas questões, mais precisamente no que diz respeito a ações educativas, poder público municipal e Secretaria de Cultura do município: como o órgão citado anteriormente pode auxiliar nesse processo de valorização e ampliação cultural? Será que já não está em tempo de ser criado um projeto anual para tal?

Seguirei os estudos com o desejo de responder a essas e outras questões que aparecerão, com o intuito de aprimorar e fomentar no município de

Urussanga/SC uma Educação Patrimonial de qualidade e permanente, fazendo com que o jovem se sinta parte integrante e fundamental no processo cultural e de memórias da cidade e, conseqüentemente, valorizando o que já foi construído até hoje.

Espero ter contribuído para que essas questões sejam repensadas, crendo que possam servir para gerar novas práticas e ideias para os leitores que dela usufruírem.

REFERÊNCIAS

ATAIDES, Jésus Marco de; MACHADO, Laís Aparecida; SOUZA, Marcos André Torres de. **Cuidando do Patrimônio Cultural**. Goiânia: UCG, 1997.

BRASIL. **Constituição dos Estados Unidos do Brasil, de 10 de novembro de 1937**. Rio de Janeiro, 1937. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao37.htm. Acesso em: 4 mar. 2022.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Cidades. **Panorama Urussanga**. 2021. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/urussanga/panorama>. Acesso em: 17 nov. 2021.

BRASIL. Ministério da Cultura. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN. **Portaria nº 375, de 19 de setembro de 2018**: Institui a Política de Patrimônio Cultural Material do Iphan e dá outras providências. Brasília, 2018. Disponível em: https://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/41601273/do1-2018-09-20-portaria-n-375-de-19-de-setembro-de-2018-41601031. Acesso em: 30 out. 2021

BURKE, Peter. **Hibridismo Cultural**. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2006.

CABRAL, Magaly. Memória, Patrimônio e Educação. **Resgate**, Campinas, SP, n. 13, p. 35-42, 2004.

CAVALHEIRO, Renato. **O ensino da arte e a valorização do patrimônio artístico - cultural do município de Nova Veneza**. 2009. 71 f. TCC (Curso de Licenciatura em Artes Visuais) – Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2009. Disponível em: <http://www.bib.unesc.net/biblioteca/sumario/000040/0000405A.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2021.

MENECH, Adriana Elisa de. **Valorização do patrimônio artístico-cultural do município de Criciúma (SC)**. 2012. Monografia pós-graduação em Educação Estética e as Perspectivas Contemporâneas. Criciúma. UNESCO, 2012. 66 p.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1984.

GRÜNBERG, Evelina. Educação Patrimonial: utilização dos bens culturais como recursos educacionais. **Cadernos do Centro de Organização do Oeste (CEOM)**. Ano 12. 2000.

HAIGERT, Cynthia Gindri. Patrimônio Cultural: Interagindo com a comunidade. In: MILDNER, Saul Eduardo Seiguer. **As várias faces do patrimônio**. Santa Maria: Pallotti, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade**. São Paulo: DP&A, 2006.

HORTA, M. de L. P. Fundamentos da educação patrimonial. In: Ciências & Letras. **Revista da Faculdade Porto-Alegrense de Letras**, n. 27, jan./jun. 2000. Porto Alegre: FAPA, 2000. p. 25-35.

HORTA, M.; GRUNBERG, E; MONTEIRO, A. (orgs.). **Guia básico de educação patrimonial**. Brasília: IPHAN - Museu Imperial, 1999.

LATOURE, Bruno. **Jamais fomos modernos**: ensaio de antropologia simétrica. São Paulo: Editora 34, 1994.

MENEZES, Ulpiano Bezerra de. Memória municipal, história urbana. **Revista CEPAM**, São Paulo, n. 4, 1990.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 23ª ed. Petrópolis: Vozes, 2004. 80 p.

MURTA, Stela Maris; ALBANO, Celina. **Interpretar o patrimônio**: um exercício do olhar. Belo Horizonte: Território Brasilis, 2002. 288p.

PEREIRA, Jéssica, et al. **Uma história de fé**: os 110 anos da Paróquia Nossa Senhora da Conceição de Urussanga. Urussanga: 2012, 186 p.

PISTORELLO, Daniela. **“O Brasil da diversidade”?**: Patrimônio e paisagem cultural no Projeto Roteiros Nacionais de Imigração. Campinas, 2015. 221 p.

POSSAMAI, Zita Rosane. O patrimônio em construção e o conhecimento histórico. **Ciências & Letras**, Revista da Faculdade Porto-Alegrense de Letras, n. 27, jan./jun. 2000. Porto Alegre: FAPA, 2000. p. 13-24.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **A doação do objeto**: O museu no ensino de História. Chapecó: Argos, 2004. 178p.

RIBEIRO, Sandra Bernardes. **Brasília**: memória, cidadania e gestão de patrimônio cultural. 1ª ed. São Paulo: Annablume, 2005.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 22ª ed. rev. e ampl. São Paulo: Cortez, 2002. 335 p.

SOARES, André Luis Ramos. Educação Patrimonial: Valorização da Memória, construção da cidadania, formação da identidade cultural e desenvolvimento regional. In: SOARES, A L R. **Educação Patrimonial Relatos e Experiências**. Santa Maria – RS: Ed. UFSM, 2003.

SOARES, André Luis R.; OOSTERBEEK, Luiz Miguel. Educação patrimonial: um exemplo de teoria e prática na gestão do patrimônio cultural brasileiro. In: CAMPOS, Juliano Bitencourt; RODRIGUES, Marian H. da Silva Gomes; SANTOS, Marcos C. Pereira (Org.). **Patrimônio cultural, direito e meio ambiente**: educação contextualizada – Arqueologia diversidade. Cap. 2. Criciúma: UNESCO, 2018.

URUSSANGA. **Lei nº 798 de 15 de maio de 1981**: Dispõe sobre a proteção do patrimônio histórico artístico e natural do município e cria órgão competente. Prefeitura Municipal de Urussanga, 1981. Disponível em: <https://www.leismunicipais.com.br/a/sc/u/urussanga/leiordinaria/1981/80/798/lei-ordinaria-n-798-1981-dispoe-sobre-a-protecaodo-patrimonio-historico-artistico-e-natural-no-municipio-de-cria-orgaocompetente>. Acesso em: 01 nov. 2021.

URUSSANGA. **Lei Complementar nº 08 de 1º de julho de 2008**: Dispõe sobre o Plano Diretor Participativo do Município de Urussanga. Prefeitura Municipal de Urussanga, 2008. 141 p. Disponível em: <http://www.urussanga.sc.ov.br> . Acesso em: 1 nov. 2021.

VIANA, Letícia. Patrimônio Imaterial: novas leis para preservar... O que? In: SILVA, René March da Costa (Org.). **Cultura popular e educação**: Salto para o futuro. TV Escola/SEED/MEC, 2004.

ZANATTA, Eledir Regina do Prado. **Educação e Arte**: A Interface com o Patrimônio. 1ª ed. Lages: Grafine, 2011.

APÊNDICES

Apêndice A – Questionário aplicado com os jovens estudantes do Ensino Médio da Escola de Educação Básica Caetano Bez Batti, de Urussanga – SC



UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC
PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO ESTÉTICA: ARTE E AS PERSPECTIVAS CONTEMPORÂNEAS
ACADÊMICA: GIULIA CECHINEL DE OLIVEIRA
TÍTULO: PATRIMÔNIOS CULTURAIS DE URUSSANGA - SC: DIÁLOGO COM ESTUDANTES
ORIENTADORA: PROF^ª. MA. AMALHENE BAESSO REDDIG

Nome:

Idade:

Data:

Olá estudante do Ensino Médio, você poderia ajudar com minha pesquisa, respondendo ao questionário abaixo?

- 1) Você já realizou alguma visita (guiada ou não) ao patrimônio histórico da cidade de Urussanga?
() Sim () Não
Se você respondeu sim, informe quando foi, com quem e como foi.
- 2) Cada pessoa traz consigo uma grande bagagem cultural a partir de suas vivências em sociedade. Como você relaciona a sua bagagem cultural com a da cidade em que vive?
- 3) Você já participou de alguma ação educativa do município em que foi abordado o tema cultura/patrimônio cultural?
() Sim () Não
Se sim, conte como foi essa experiência.
- 4) E no seu percurso enquanto aluno, esse tema já foi trabalhado em algum momento em sala de aula?
() Sim () Não
Se sim, conte um pouco do que você recorda.
- 5) O que você considera patrimônio histórico na cidade de Urussanga? Você acredita que se poderia valorizar mais nosso patrimônio histórico de alguma maneira? Dê sugestões.
- 6) Como você define cultura?

Muito obrigada por colaborar com esta pesquisa!

ANEXOS

Anexo A – Guia do Patrimônio Cultural do Sul de Santa Catarina

Figura 2 – Guia do Patrimônio cultural do Sul de Santa Catarina



Fonte: IPHAN, 2014

Anexo B – Vales da Uva Goethe

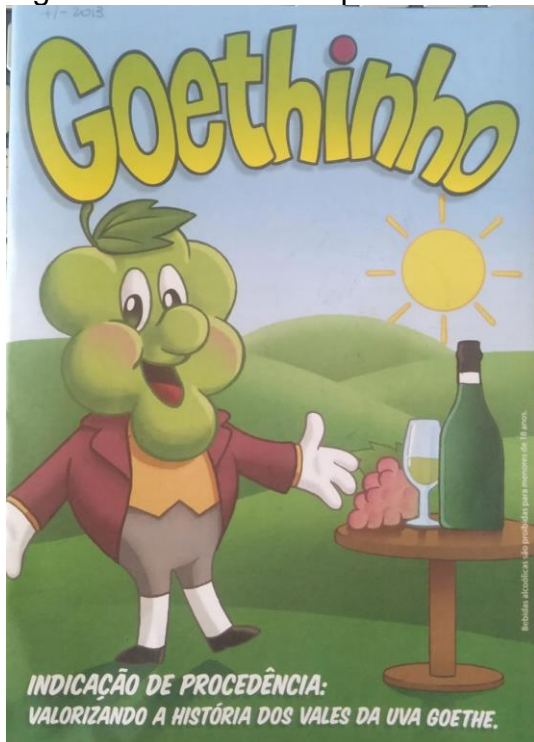
Figura 3 – Livro Vales da Uva Goethe



Fonte: ProGoethe, 2007.

Anexo C – Cartilha Goethinho

Figura 4 – História em quadrinhos “Goethinho”



Fonte: ProGoethe, 2013.

Anexo D – Casarão do centro da cidade – Patrimônio tombado de Urussanga

Figura 5 – Casarão do centro da cidade – Patrimônio tombado de Urussanga



Fonte: Urussanga Turismo, 2022

Anexo E – Casas no centro da cidade – Patrimônio tombado de Urussanga

Figura 6 – Casas do centro da cidade – Patrimônio tombado de Urussanga



Fonte: Urussanga Turismo, 2022

Anexo F – Parque Municipal Ado Cassetari Vieira

Figura 7 – Parque Municipal Ado Cassetari Vieira



Fonte: Urussanga Turismo, 2022